



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR HUMANIDADES

SARA CRISTINA SEMEDO FORTES JERÔNIMO SALVATERRA

PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS CRIOULAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Francisco do Conde
2016

SARA CRISTINA SEMEDO FORTES JERONIMO SALVATERRA

PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS CRIOULAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

São Francisco do Conde
2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S173p

Salvaterra, Sara Cristina Semedo Fortes Jeronimo.

Preservação das línguas crioulas em São Tomé e Príncipe / Sara Cristina Semedo Fortes Jeronimo Salvaterra. - 2016.

40 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

1. Dialetos crioulos - São Tomé e Príncipe. 2. Línguas pidgin - São Tomé e Príncipe.
3. Linguística - São Tomé e Príncipe. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 496

SARA CRISTINA SEMEDO FORTES JERONIMO SALVATERRA

PRESERVAÇÃO DAS LÍNGUAS CRIOULAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 25 de Novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert

Doutorado em Ciências Sociais, Estudos Africanos.

Leiden University , LEIDEN, Holanda.

Professor Adjunto da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dra. Caroline Rodrigues Cardoso

Doutorado em Linguística. (Conceito CAPES 4)

Universidade de Brasília , UnB, Brasil.

Professora Adjunto da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. (Conceito CAPES 5)

Universidade de São Paulo , USP, Brasil.

Professor Adjunto da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

À minha família, por acreditar em mim. Aos meus Pais, pelo imenso suporte que me deram ao longo desta caminhada, por serem a minha principal referência e fonte de inspiração. Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Caroline Rodrigues Cardoso. Ao meu orientador, Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert, pela paciência e dedicação e pelos esforços que fizeram para que eu conseguisse concluir este trabalho.

“ Da beleza das línguas crioulas á excelência do colonialismo”.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes. Aos meus orientadores á Doutora Caroline Rodrigues Cardoso e ao Professor Doutor Karl Gerhard Seibert pelo suporte durante o processo pelos ensinamentos e pelas suas correções e incentivos. Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Obrigada meus irmãos, que nesse momento de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente! Meus agradecimentos aos amigos Iuri Rosario, Emilly Sampaio, Edsana Santos, Rafaela Bacelar, Chitungane Chachuião, Emanuel Semedo, Danilson Viegas, Elisangela Ramos, Lauro Cardoso, Catia Seca, Luis Miguel Pereira, Braima Seidi, Beatriz Borges e aos meus companheiros de estudos e irmãos que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Desejo que todos consigam alcançar os seus objetivos e que no final sejamos todos realizados em nossas escolhas, e de certo modo agradeço também em geral todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho procura demonstrar a gênese das Línguas Crioulas em São Tomé e Príncipe, (Forró, Lung'íé, Angolar). Essas línguas, consideradas maternas, se encontram em via de desaparecimento nas ilhas do Golfo da Guiné, em contraste com um nível elevado de falantes do Português. Inicia-se a partir da análise do contexto histórico e linguístico, juntamente com a teorização do processo de surgimento dessas línguas. São Tomé e Príncipe é considerada como uma sociedade crioula, porém apresenta um baixo nível de número de falantes de cada um desses crioulos, apresentando um grande desvalorização e perda sobre as mesmas. O ponto inicial é mostrar como se dá a construção da sociedade crioula santomense, em diversos pontos cruciais para que essas línguas crioulas sejam desvalorizadas e marginalizadas pelos seus falantes e viabilizar políticas e conscientização da população, para desconstrução do paradigma que se criou em relação a essas línguas em oposição à língua do colonizador que perdura até ao cotidiano.

Palavras Chaves: Línguas Crioulas, Identidade, Cultura e Sociedade.

ABSTRACT

The present work seeks to examine the genesis, history and current use of the three native Creole languages existing in São Tomé and Príncipe, Forró, Lung'ié, Angolar. These languages are considered to be maternal languages threatened by disappearance in the islands of the Gulf of Guinea, which is partly a result the increasing number of Speakers of Portuguese. The study that includes Kabuverdianu, a fourth Creole language spoken in the archipelago by former Cape Verdean contract workers and their descendents, begins with the analysis of the historical and linguistic context, together with the theorization of the process of the emergence of these Creole languages. Historically São Tomé and Príncipe is considered a Creole society, but the country presents a small and decreasing number of speakers of each of these Creole languages, presenting a great contempt and their possible future extinction. The purpose is to demonstrate how these Creole languages have been disdained and marginalized by its speakers and the state and to enable language policies and awareness of the population to deconstruct the negative paradigm that has been created in relation to these languages in opposition to the language of the colonizer that lasts until day-to-day.

Keywords: Creole Languages, Identity, Culture and Society.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1. Mapa de São Tomé e Príncipe..... | 12 |
| Figura 2. Dança Ússua..... | 19 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Estrutura populacional de 2012 de São Tomé e Príncipe..... | 17 |
| Tabela 2. Percentagem de falantes de cada crioulo..... | 24 |
| Tabela 3. Percentagem do Léxico de origem Portuguesa nos crioulos falados em São tomé e Príncipe..... | 30 |

LISTAS DE SIGLAS

CLSTP- Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe

CPLP- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

FMI – Fundo Monetário Internacional

IDH- Índice de Desenvolvimento Humano

MLSTP- Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe

PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCD- Partido de Convergência Democrática

PIB- Produto Interno Bruto

PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

STD- Dobras moeda nacional de São Tomé e Príncipe

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 | PANORAMA E ASPECTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE | 12 |
| 1.2 | ASPETOS DEMOGRÁFICOS, CULTURAIS E SOCIOLINGUÍSTICOS | 17 |
| 1.3 | CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS NAS ILHAS | 21 |
| 2 | TEORIAS DA CRIOLIZAÇÃO | 22 |
| 2.1 | FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS CRIOLAS | 22 |
| 2.2 | FORMAÇÃO DO PIDGIN | 24 |
| 2.3 | FORMAÇÃO DO CRIOULO | 25 |
| 2.4 | LÍNGUA E IDENTIDADE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE | 26 |
| 3 | AS LÍNGUAS CRIOLAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE | 29 |
| 3.1 | SANTOMÉ OU FORRO | 31 |
| 3.2 | ANGOLAR | 32 |
| 3.3 | LUNG'IE | 34 |
| 3.4 | KABOVERDIANU | 35 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| | REFERÊNCIAS | 39 |

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho de Conclusão de Curso é discutir sobre a situação precária e a preservação das Línguas Crioulas em São Tomé e Príncipe, devido à sua perda gradativa no número de falantes nas duas ilhas. O trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro capítulo fala sobre o Panorama de São Tomé e Príncipe, o segundo sobre as Teorias da Crioulização e o terceiro sobre as línguas crioulas em São Tomé e Príncipe, e no final Breves considerações. Tem como fundamentação teórica, leituras análises e levantamento de dados de pesquisas bibliográficas. Um dos fatores principais que apontam para essa perda é o fato de haver um maior número de falantes de português nas ilhas em torno de 100% da população. O Português foi ganhando espaço pela necessidade de haver uma maior relação entre os determinados grupos de falantes de cada crioulo (os forros, angolares e os principenses). Como resultado do processo escravocrata no contexto da colonização desde o século XVI emergiram as três línguas crioulas, contudo, com a introdução da escolaridade nos fins do século XIX e, sobretudo após a independência, as crianças passaram a aprender o português nas escolas e frequentemente apenas de forma marginalizada, o crioulo em casa. Essa prática foi se distanciando do objetivo inicial(que era apenas para evitar um confronto entre essas três línguas crioulas, originadas nas ilhas) e com o tempo, foi ocorrendo um grande avanço no número de falantes do português e por consequente uma diminuição dos crioulos. As políticas de língua do estado independente, desde 1975, ainda reforçaram esta tendência. O objetivo deste trabalho é de que essas línguas crioulas são indicadores parciais da história e cultura do povo santomense, por isso deve-se pensar em uma forma de valorização e manutenção dessas línguas, para evitar que se perca um dos seus aspectos culturais mais importantes, caracterizado pela sua história de lutas e conquistas pela liberdade e direito do povo. Justificando ao modo que a crescente desvalorização dessas línguas crioulas em São Tomé e Príncipe esta relacionada especialmente ao baixo nível de número de falantes de crioulos dentro das ilhas, que é absolutamente inferior ao número de falantes do português. Partindo desse ponto de vista, a ideia central é demonstrar a origem dessas línguas crioulas como reforço identitário, assim como também apontar a necessidade da valorização das línguas crioulas no País.

Quando as ilhas de São Tomé e Príncipe foram descobertas pelos navegadores portugueses, por volta de 1470/71 não eram habitadas. Apenas depois de 1493, colonos portugueses efetuaram a ocupação territorial e passaram a povoar as ilhas trazendo escravos de outros pontos da África, tais como do reino de Benin (atual Nigéria) e dos reinos do Congo e

de Angola para suprir a necessidade de mão de obra para a sua reexportação e para o seu emprego nas plantações de cana de açúcar. Parte-se do princípio, que essas línguas começam a surgir através da fase de povoamento das ilhas no séc. XVI, que foi marcada pela mestiçagem biológica e cultural.

As principais línguas crioulas surgidas foram o Santomé ou Forró, Angolar (Crioulo dos angolares, descendentes de quilombolas do século XVI), e Lung'ie (falado na ilha do Príncipe). Entretanto, antes e após a independência, nas ilhas com o passar dos anos, essas línguas crioulas foram marginalizadas e conseqüentemente foram se perdendo aos poucos e como resultado hoje são pouco faladas no país. Esta pesquisa é necessária porque ela busca mostrar a importância da valorização e da preservação das línguas crioulas em São Tomé e Príncipe.

Ilha nua

Coqueiros e palmares da Terra Natal
 Mar azul das ilhas perdidas na conjuntura dos séculos
 Vegetação densa no horizonte imenso dos nossos sonhos.
 Verdura, oceano, calor tropical
 Gritando a sede imensa do salgado mar
 No deserto paradoxal das praias humanas
 Sedentas de espaço e devida
 Nos cantos amargos do ossobô
 Anunciando o cair das chuvas
 Varrendo de rijo a terra calcinada
 Saturada do calor ardente
 Mas faminta da irradiação humana
 Ilhas paradoxais do Sul do Sará
 Os desertos humanos clamam
 Na floresta virgem

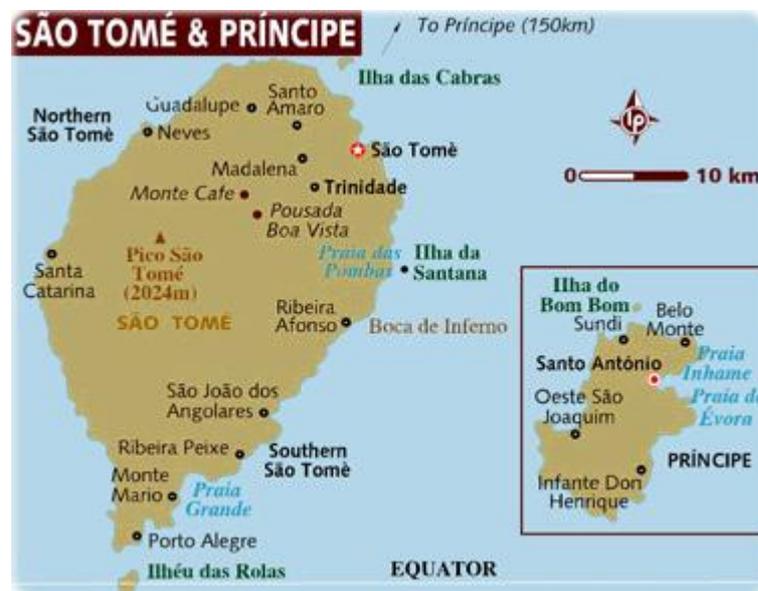
Dos teus destinos sem planuras... ¹
 (ESPÍRITO SANTO, 1978, p. 121)

¹ - Alda do Espírito Santo (1926-2010), em "É nosso o solo sagrado da terra". Lisboa: Ulmeiro, 1978, p. 121

1.1 PANORAMA E ASPECTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

São Tomé e Príncipe é formado por duas ilhas montanhosas de origem vulcânica, localizadas no Golfo da Guiné, no oceano atlântico, com uma superfície total de 1001 km². O Ilhéu das Rolas, situado em frente da costa sul de São Tomé é atravessado pela linha do Equador. O país tem um clima tropical (quente e seco), dividindo-se em duas estações: a chuvosa (que ocorre entre setembro e junho) e a seca (gravana, que ocorre entre julho e agosto).

Figura 1 - Mapa de São Tomé e Príncipe.



Fonte: <http://www.africa-turismo.com/mapas/tome-principe.htm>

A ilha de São Tomé, tem uma área de 859 km², sendo 65 km de comprimento e 35 km de largura, enquanto o Príncipe possui uma superfície de 142 km², 16 km de comprimento e 8 km de largura. A distância entre as duas ilhas é de cerca de 140 km estando a ilha do Príncipe localizada a nordeste de S. Tomé. Suas fronteiras marítimas são relativamente próximas com Gabão, Camarões, Nigéria e Guiné Equatorial. A capital, localiza-se na costa nordeste da ilha de S. Tomé, que começou a ser construída quando os portugueses, liderados por Álvaro Caminha que na época havia sido nomeado como donatário em dezembro de 1493, ali se instalaram no intuito do estabelecimento de uma colônia e da exploração da Terra. A ilha de Príncipe é desde, 29 de abril de, 1995, administrativamente uma região autónoma.

Quando os primeiros portugueses, os navegadores João de Santarém e Pedro Escobar chegaram por volta de 1470 à primeira ilha, São Tomé, e por volta de 1471, à outra ilha, do Príncipe, elas eram inabitadas. Somente depois de 1493, iniciou-se o processo de povoamento efetivo das ilhas com colonos portugueses e africanos escravizados trazidos do continente, primeiro do reino do Benim (atual Nigéria) e, depois, do Congo e de Angola.

O processo de antiga colonização em São Tomé e Príncipe foi marcado pela emergência de uma população mestiça formada, por homens brancos e mulheres negras; em que a comunidade branca era composta por degradados, funcionários, padres, fazendeiros e traficantes de escravos. Na primeira metade do sec. XVI eram levados para São Tomé 5000 a 6000 escravos, sendo reexportados para as Américas.² Esse contexto sociocultural do séc. XVI, peculiar à época, fez surgir tanto em São Tomé e Príncipe como em Cabo Verde, uma sociedade com língua e cultura própria.

Ao mesmo tempo, começou o aumento da entrada de escravos negros por conta da necessidade de mão de obra para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar.³ O aumento da população escrava em consequência da expansão das plantações de cana-de-açúcar, no séc. XVI aumentou a fuga de escravos para o interior montanhoso inacessível de São Tomé, na altura, estes fujões ficaram conhecidos como mocambos e seus descendentes, no século XIX, como angolares, que ainda hoje formam um grupo cultural linguisticamente distinto em São Tomé. No fim do século XVI, Amador liderou a maior revolta de cinco mil escravos em São Tomé. Os revoltosos foram derrotados por tropas coloniais depois de três semanas.

No século XVI, as duas ilhas passaram a ter funcionalidades importantes a partir da introdução da cana-de-açúcar, que vai marcar a estrutura econômica do país, além da importação e reexportação de africanos escravizados, entre os séculos XVI e XVII, para as Américas. No século XVII inicia-se o declínio da indústria da cana-de-açúcar devido, à, emergência da produção açucareira do Brasil, que era de melhor qualidade, juntamente com os danos causados pelos assaltos sofridos pelos escravos fugidos, os ditos angolares. Seibert (1999) salienta que a cana-de-açúcar passou a ser o meio econômico mais importante da ilha, a partir de 1520, e que em 1527 havia em S.Tomé dois engenhos de açúcar. “Em 1529 a ilha produzia 75 toneladas (500 arrobas) de açúcar e essas plantações de cana-de-açúcar ocupavam o terço norte de São Tomé, onde predominavam terras plantas e abundantes correntes de água

² Gerhard Seibert, *Camaradas, Clientes e Compadres*, 1999.

³ Seibert, *Camaradas* [..], 1999,pg. 47.

para mover os engenhos de açúcar.” A conseqüente crise econômica levou os colonos europeus a abandonarem o país rumo ao Brasil, promovendo aos crioulos nativos, conhecidos por forros, muitos deles donos e comerciantes de escravos, a elite da época, praticamente o comando político e econômico das ilhas.

A estagnação econômica do arquipélago terminou apenas com a recolonização das ilhas por Portugal, no século XIX. O café era o principal produto produzido nas ilhas, mas, no final do mesmo século, a produção de cacau a superou, chegando o arquipélago a ser o maior produtor de cacau do mundo, durante poucos anos, no início do século XX. Após a Primeira Guerra Mundial, a produção cacauera entrou em declínio, mas permanece até hoje como uma das principais atividades (econômicas) agrícolas do País. Uma das causas para o declínio na época, fora a alta concorrência dos pequenos produtores da África Ocidental, que produziam em maior escala.

Na ilhas havia cerca 7054 nativos, de 5514 escravos e somente 185 brancos em 1844. Primeiramente, em 1852, tem-se o regresso da capital do Príncipe para São Tomé e a introdução do café nas ilhas através do capitão –mor João Baptista da Silva, em 1787 e o cacau 1822. Esta recolonização foi caracterizada pelo fato de que maior parte das terras estava nas mãos dos forros, tanto por título como por usufruto do costumeiro. Entretanto durante a expansão das roças de café e cacau nos fins do séc. XIX, os portugueses foram pouco a pouco apossando-se das terras dos forros por compra, mas também pela fraude e força. Outro aspecto relevante é que a plantação de cacau em comparação com a da cana-de-açúcar, no século XVI, ocupou potencialmente toda a ilha, e, em 1913, o cultivo de cacau cobria 62 500 hectares em São Tomé e, aproximadamente, mais de 10 000 hectares no Príncipe.

Após 1875, ano da abolição da escravatura nas ilhas, os portugueses substituíram os escravos nas plantações por contratados⁴, inicialmente quase exclusivamente angolanos, depois também cabo-verdianos (desde 1903) e moçambicanos (desde 1908). Os contratados, também chamados serviçais, passaram a exercer atividades laborais nas plantações que forros e angolares, nativos das ilhas, recusavam-se a exercer, visto que as consideravam abaixo do seu estatuto social como africanos livres. Desse modo, entre 1900 á 1940, o número de nativos passou a ser menor que o dos trabalhadores estrangeiros. Regra geral, os contratados africanos viviam nas roças, especialmente separados dos ilhéus nativos. Os contratados que sobreviveram

⁴ Verificar em Tjerk Hagemeijer. As Línguas de São Tomé e Príncipe. p.17 e 18.

ao regime duro de trabalho nas roças e não foram repatriados permaneceram em São Tomé e Príncipe.

Da história do colonialismo moderno destacou-se o Massacre de Batépa, (a revolta espontânea que sucedeu-se contra intenções do governo de obrigar os forros a trabalhar nas roças) que começou em 3 de fevereiro de 1953. Durante um mês, centenas de pessoas inocentes e indefesas foram mortas pelo regime colonial, entre elas vários presos de um campo de trabalho forçado, em Fernão Dias. Por isso, desde a independência, essa data tornou-se um marco histórico para a população, sendo decretado pelo Governo como o feriado nacional alusivo às mortes ocorridas e como forma de realçar a luta pela independência do país.

A própria luta pela independência nacional iniciou-se em 1960 quando Miguel Trovoada e Guadalupe Ceita, na altura estudantes em Lisboa, e alguns amigos locais fundaram o Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP) com o objetivo principal de emancipação em relação a Portugal. O CLSTP era composto por dez pessoas ao máximo no exílio, em Acra e Libreville, sendo inicialmente liderado por Miguel Trovoada. Depois do golpe de Estado contra Kwame Nkrumah e a expulsão do grupo de Acra, em 1966, o CLSTP praticamente ficou paralisado. Em 1972, durante uma reunião de nove elementos, em Santa Isabel (actual Malabo), o CLSTP passou a se chamar Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), liderado por Manuel Pinto da Costa. A independência só foi alcançada em 12 de julho de 1975, após a implantação do regime democrático em Portugal, consequência da Revolução dos Cravos⁵.

No pós-independência, São Tomé e Príncipe passou a ser um Estado de partido único, baseado no regime socialista, governado durante 15 anos pelo MLSTP, liderado por Manuel Pinto da Costa. A economia foi nacionalizada o que provocou uma queda na produção agrícola nas roças que dominaram a economia nacional. Consequentemente, em poucos anos, o país entrou numa grave crise econômica e, finalmente em 1987, iniciou uma liberalização da economia.

Em 1990, introduziu-se a democracia multipartidária com um sistema semipresidencial⁶ baseado no modelo português, com eleições legislativas de quatro em quatro anos. Em 20 de

5 Movimento de luta dos portugueses pela queda do regime ditatorial e implementação do regime democrático. Conhecida como Revolução de 25 de abril, pois aconteceu em 1974 nesta data.

6 Sistema de governo em que o presidente, que é chefe de Estado, exerce funções representativas, enquanto o poder executivo é exercido por um primeiro-ministro que é chefe de governo.

janeiro de 1991, ocorreram as primeiras eleições multipartidárias e venceu o Partido Convergência Democrática (PCD), o primeiro partido de oposição. Miguel Trovada, que esteve no exílio na França, de 1981 a 1990, ganhou as primeiras eleições presidenciais, como candidato independente. Trovada foi reeleito por mais cinco anos, em 1996, e sucedido por Fradique de Menezes (2001-2011) e Manuel Pinto da Costa (2011-2016). Atualmente o presidente é Evaristo Carvalho, eleito em agosto de 2016.

A democracia em São Tomé e Príncipe é bastante instável, pois, desde sua implantação, nenhum governo completou a legislatura. Economicamente, comércio e serviços são responsáveis pela maior parte do PIB (61%), seguidos da agricultura (20%) e da indústria (19%)⁷. Atualmente, vem crescendo o turismo e o investimento em exploração de petróleo off-shore nas águas territoriais. O setor petrolífero emergiu em 1997, contudo, até hoje não foi descoberto petróleo comercialmente viável.

Desde dos anos de 1977 que S. Tomé e Príncipe tem a Dobra como sua moeda nacional, com a sigla STD. As notas de STD encontram-se distribuídas nos seguintes valores: 5.000/ 10.000/ 20.000/ 50.000 /100.000.⁸ Desde 2010, o valor da Dobra está indexado ao Euro com uma taxa de câmbio fixa de Dobras 24.500 por 1 Euro. O país é ainda dependente em grande proporção de ajudas externas, tem escassez de indústrias e de fábricas, culminando em dívidas externas, devido a altos índices de exportação. Actualmente fala-se em petróleo e o turismo para a contribuição no desenvolvimento do arquipélago.

Com o desenvolvimento dos aspectos positivos as ilhas têm uma ótima localização geográfica, com recursos naturais e encantos: praias e clima tropical, porém em infra-estruturas, são muito fracas, com custos elevados (estradas, portos, aeroportos, energia eléctrica), possui fraca capacidade administrativa, mão-de-obra com baixas qualificações, bilhete de passagem aéreo altíssimo, investimento turístico baixo, fraca política de marketing e promoção do país, péssimo sistema de internet. Entretanto, tem grandes oportunidades em questões como investimento nas áreas de: agricultura (cacau, café, frutos e legumes para exportação) pesca e turismo, promoção da imagem das ilhas no estrangeiro.

Desde 1996 o país faz parte da Comunidade dos Países Língua Portuguesa(CPLP)⁹ composta por nove países (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal,

⁷Ver em <<http://vida1.planetavida.org/paises/s-tome-e-principe/o-pais/economia-de-sao-tome-e-principe/>>.

⁸ Ver em http://www.stptourism.st/infor_uteis.htm

⁹ Ver em <http://www.cplp.org/>

São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial.) O português é, hoje em dia, a sexta língua mais falada do planeta e ela supera os 220 milhões de falantes do francês. Compõe também outro grupo lusófono dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)¹⁰.

1.2 ASPETOS DEMOGRÁFICOS, CULTURAIS E SOCIOLINGUÍSTICOS.

Com uma independência e um regime democrático recentes, o pequeno país ainda apresenta resquícios da época colonial em sua economia com um PIB de apenas 349.2 milhões de dólares (FMI, 2016), e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio de 0,555 (PNUD, 2015) colocando o país na 143ª posição entre 188 países¹¹. Outros sectores da sua economia são a pesca e pequenas indústrias de transformação e produção alimentar com destaque para a panificação.

Segundo os dados do último recenseamento, de 2012, do Instituto Nacional de Estatística¹², o país tem uma população de 187.356 pessoas. A esmagadora maioria da população vive em São Tomé. Desses quase 188 mil habitantes, 50,03% são mulheres e 49,97% são homens. Como em boa parte dos países africanos, a maioria da população é muito jovem. A taxa de alfabetização¹³ de pessoas com 15 anos ou mais é de 69,5%¹⁴.

Tabela 1: Estrutura Populacional de 2012 em São Tomé e Príncipe.

| Condição de residência | Total | Total | |
|-------------------------------------|----------------|---------------|---------------|
| | | Homem | Mulher |
| População total recenseada | 187.356 | 93.732 | 93.624 |
| Residente Presentes | 173.180 | 85.488 | 87.692 |
| Residente Ausentes | 6.020 | 3.699 | 2.321 |
| Visitantes (Presente não Residente) | 8.156 | 4.545 | 3.611 |
| População Residente | 179.200 | 89.187 | 90.013 |
| % População residente por sexo | 100 | 49,8 | 50,2 |

Fonte: Censo (2012).

¹⁰ Ver em <http://www.legis-palop.org/bd/>

¹¹ Ver em <http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf>.

¹² Ver em <<http://www.ine.st/Documentacao/InformacoesEstatisticas/Demograficas/22.pdf>>.

¹³ Aqui considerada como a capacidade de ler e escrever.

¹⁴ <<http://www.ine.st.>>

O país é dividido em seis distritos – Água-Grande (com a capital São Tomé), Mé-Zóchi, Cantagalo, Cauê, Lembá, Lobata e a região autônoma do Príncipe. Os maiores distritos são Água Grande, com 38,9% de habitantes, e Mé-Zóchi, com 25%.

As ilhas de São Tomé e Príncipe são conhecidas como um paraíso turístico ideal pela sua beleza natural e como terras do “leve, leve” devido ao ritmo lento de vida no seu dia a dia. Os santomenses caracterizam-se pela sua criouldade devido à ascendência mista europeia e africana. A principal imigração africana ocorreu em duas épocas distintas, primeiro escravos oriundos do Reino do Benim, Angola e Congo, e, muito mais tarde, de 1875-1970, contratados vindos de Angola, Cabo Verde e Moçambique. A maior imigração europeia, principalmente, portuguesa ocorreu no século XVI, contudo sempre constituíram uma pequena minoria da população. Os portugueses que estiveram no arquipélago durante o colonialismo moderno apenas permaneceram temporariamente durante o tempo do seu contrato de trabalho, pois São Tomé nunca foi uma colônia de povoamento e exploração¹⁵.

Assim, também o cenário cultural local é marcado por manifestações de origens diferentes, como por exemplo, os dois autos renascentistas – **A Tragédia do Marquês de Mântua e do Príncipe D. Carlos Magno**, conhecido localmente como **Tchiloli** – e **Auto de Floripes, conhecido como Sonlençu (São Lourenço)**. As duas peças introduzidas de Portugal, no século XIX, são encenadas pela população crioula, em São Tomé e no Príncipe respetivamente.

As danças tradicionais dos forros são Socopé e Ússua. Esta é dançada com agrupamento em fila indiana com homens de um lado e outra fila indiana com mulheres de outro lado. A dança tem de ter o mesmo número de homens e mulheres, todos vestidos a rigor. Durante o compasso, há um relacionamento entre os dois grupos, uma vez para cada par, num movimento sucessivo e coordenado, em que se dirigem em pares, um de cada vez, para o centro do salão, para demonstrar a dança. Com a introdução de novos movimentos, os pares distribuem-se pelo salão, dançando agarrados até que a música termine. Não se sabe onde surgiu a Ússua, mas era praticada pelo filhos da terras, o grupo mais conhecido é o Ússua de Sum Camblé¹⁶ (Ússua do Sr. Camblé), do distrito de Mé-Zóchi. Depois da independência as duas danças entraram em declínio.

¹⁵ Colônia de exploração se caracteriza através das terras estabelecidas apenas para o comércio durante a escravidão.

¹⁶ Ver em <<http://stomepatrimonio.blogspot.com.br/2008/03/cu-nn-bulaw-e-ssua.html>>.

Uma dança originária das roças é a Puíta, introduzida pelos serviçais angolanos, o nome provém de um instrumento de música, um tambor, denominada Puíta. Era proibida na época colonial pelo seu carácter erótico e veneração pelos mortos (defuntos como é falado na ilhas). Depois da independência e a consequente integração dos antigos contratados das roças na sociedade crioula o encontro da Puíta com Socopé e Ússua deu origem ao Bulawê, desde muito a dança popular mais praticada no arquipélago.

O Danço Congo, de origem africana, é uma pantomina dançada, encenada por cerca de vinte figurantes, entre os quais o capitão congo, o lôgôzu, o anju môlê (anjo que morreu), o anju cantá (anjo cantador), o opé pó (figura que executa diversas acrobacias sobre duas andas), Mulogi o feiticeiro, o zuguzugu (ajudante de feiticeiro), três ou quatro bobos, o djabu (diabo) e dez a dezoito soldados dançarinos. Este espetáculo é atuado particularmente nas comunidades dos angolares, por ocasião de festas religiosas e seculares.

Figura 3: Dança Ússua



Fonte: www.wikipedia.com

Na ilha do Príncipe tem-se a dança Dexa, também de raízes angolanas, que é introduzida ao ritmo do tambor e corneta, em que diversos pares executam os passos com uma certa elegância com varias danças de roda.

No campo literário, tem como grandes autores nativos Caetano Costa Alegre, precursor do movimento conhecido como negritude lusófona, José Francisco Tenreiro e já na pós-independência Alda Espírito Santo, autora do hino nacional de São Tomé e Príncipe; Maria Manuela Margarido, Tomaz Mederios, Olinda Beja, Conceição Lima, Manuel Jeronimo Salvaterra Junior.

A riqueza cultural das ilhas tem origem na miscigenação entre os povos nativos vindos da costa do Golfo da Guiné e os portugueses, no que diz respeito a cultura arquitetônica são reconhecidas, como patrimônio público, a fortaleza de São Sebastião e a Catedral da Sé. A religião em São Tomé e Príncipe funda-se basicamente no cristianismo e no animismo. Dados do censo de 2012 mostram que a maioria da população santomense é católica, correspondendo a 55,7%¹⁷.

São Tomé e Príncipe é um país multilíngue, e tem como a língua oficial o português, herança da colonização, e é de longe a língua com maior número de falantes – com 98%. Uma das particularidades do português falado no país que o caracteriza, hoje são as mudanças gradativas no seu processo de fala e escrita, sendo que não é mais influenciada diretamente pelas normas portuguesas. Assim o falar santomense vêm ganhando espaço e estrutura linguística, desenvolvendo outros falares dentro do português, se distanciando cada vez mais do português europeu.

O português é a língua mais utilizada pela população jovem são nas faixas etárias dos 5-9 anos e dos 10-19 anos onde se regista maior concentração da população que fala português, pois, a partir dos 50 anos, verifica-se uma ligeira diminuição das proporções de pessoas que falam esta língua. Este fenómeno ocorre tanto no meio urbano como no rural. (Censo, 2012).

Contudo, há três línguas nacionais, cuja origem é o encontro entre os africanos escravizados oriundos do Reino do Benim, Congo e Angola e os colonos portugueses: os crioulos forro ou são-tomense, angolares e principenses (ou lunguê). Além disso o crioulo cabo-verdiano introduzido no século XX também é bastante falado nas ilhas. Ressaltando que língua nacional é caracterizada como a língua dominante, a mais usada pela população no país, e a língua oficial aquela usada pelo estado, para assuntos oficiais, públicos, nacionais e internacionais.

Segundo o censo de 2012 apenas 36,2% da população fala o forro, especialmente a população com mais de 40 anos. O angolares é falado por 6,6% e no príncipe o lunguê apenas por um 1% da população santomense. Esses dados mostram um fraco equilíbrio das línguas crioulas e a necessidade de se criarem políticas de incentivo à valorização e ao uso das línguas crioulas em São Tomé e Príncipe. Reforçando que esse trabalho caminha em apresentar a gênese e a situação atual das línguas, um dos objetivos deste trabalho é apontar a eminente

¹⁷ O Censo de 2012 constata que 21.2% da população afirma não ter religião, e outros pertencem às outras religiões protestantes.

necessidade de valorização das línguas crioulas em São Tomé e Príncipe, dentro e fora do País, e destacar a importância dos crioulos dentro da sociedade santomense incentivando sua transmissão entre gerações.

1.3 CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS NAS ILHAS

Como no caso de qualquer outra língua, o processo de desenvolvimento das línguas crioulas vai se estabelecendo de acordo com cada comunidade de fala, mediante as condições de aprendizado, começando pelas crianças que a regularizam através do seu primeiro contato oral. Mata (2009, p.7) diz que “a língua é ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade.” Apesar desta história comum, na atualidade existem diferenças significativas entre os arquipélagos, visto que nas ilhas de Cabo Verde onde em 1975 também foi institucionalizado o português como a língua oficial, 100% da população fala o crioulo, enquanto em São Tomé e Príncipe o número de falantes diminuiu sucessivamente desde a independência. Devido à aculturação e a separação das culturas africanas, o processo de colonização desvinculou dos negros, partes das suas estruturas culturais, étnicas, linguísticas e econômicas.

Por causa do rápido desaparecimento das línguas africanas faladas pelos escravos, foram se perdendo muitas partes culturais dos seus antigos costumes. Como por exemplo, seus nomes originais eram trocados por nomes portugueses, e, alguns, nem todos os escravos ficavam submetidos à missão da Igreja Católica de ensinar a ler e a escrever, a língua do colono, o português, mudando em partes os seus hábitos e crenças. Seibert (1999) explica que o século XVI marcou também o princípio da actividade missionária no arquipélago, visto que o projeto evangelizador da Igreja Católica, fora parte integrante da colonização das ilhas, logo a chegada de Caminha, e em 1504 a igreja tinha estabelecido uma escola de artes e ofícios, duas igrejas, uma Santa Casa da Misericórdia e o hospital.

Quanto ao surgimento dos três crioulos nas ilhas podemos constatar que “Desde a obra de Günther (1973) e Ferraz (1974, 1979), a maioria dos autores têm implícita ou explicitamente partido do princípio de que o contato linguístico resultante do povoamento de S. Tomé teve como consequência mais duradoura o aparecimento de uma (única) língua crioula de base lexical portuguesa que ramificou em quatro.” (Hagemeyer, 2009).

2 TEORIAS DA CRIOLIZAÇÃO

2.1 FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS CRIOULAS.

Nesse capítulo, a análise vai ao encontro da Crioulização, a partir das teorias sobre pidgins e crioulos, que são os estagíos iniciais.

A crioulização surge através de várias línguas étnicas que se desenvolveram através do contacto entre os escravos que vinham de várias regiões do continente africano trazendo consigo suas línguas e suas práticas culturais. Contudo ela torna-se assim fruto da mestiçagem e da aculturação entre essas determinadas línguas com uma língua europeia trazida pelos colonizadores brancos. Knorr (2008, p. 5 apud SEIBERT, 2012) define a crioulização como um “processo em que pessoas etnicamente diversas se tornam indigenizadas e desenvolvem uma nova identidade coletiva”, assim sendo, no nosso exemplo, essa fase começou quando na escravidão os colonos portugueses trouxeram os escravos africanos de diversas regiões para efetivar o processo de povoamento nas suas colônias, de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que eram desabitadas quando europeus e os escravos foram levados para fazer o povoamento nas ilhas.

A crioulização do ponto de vista de Chaudeson(apud. Couto 1999.) se estabelece através de três fases: sociedade comunitaria, ou habitação; sociedade de plantação; e a diglossia¹⁸ colonial:

- 1- Em primeiro lugar ele destaca nesse processo de formação dos crioulos, a fase de sociedade de habitação, em que nesse periodo os brancos são mais ou tão numerosos quanto os negros, ou são inferiores a eles no final, entretanto mesmo assim se tornam numerosos o suficiente para que (no caso específico o francês¹⁹) continue sendo alvo linguístico em uma densa de rede de interações entre senhores e escravos.
- 2- Em seguida temos a sociedade de plantação, ligado ao desenvolvimento das culturas coloniais, como as plantações de cana de açúcar, cacau e café, que provocou uma mudança social radical, em que para os escravos a adaptação a essa mudança economica é indispensavel, uma vez que o alvo linguístico passa a ser as variedades do (francês), utilizados pelos os mesmos, que vão se tornar posteriormente referencia e modelas aos novos escravos recém-chegados.
- 3- A ultima fase que é quando começa o fim das imigrações maçicas de trabalhadores estrangeiros, em que os ultimos escravos vão aprender aproximações das aproximações, em que o crioulo se transforma em uma aceleração e radicalização de varias aproximações.

¹⁸ Diglossia: Numa sociedade, a existência de dois ou mais códigos distintos, cada qual deles com funções claramente diversas, determinadas pela estratificação social, mas em que apenas um deles goza de prestígio. (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO 2.0, 2010)

¹⁹ Neste caso podemos atribuir ao português.

De igual modo a criouliização dessas línguas é marcada por esses três aspectos: terem se formado em ilhas; terem se desenvolvido em menos de um século; (mantendo-se viva até hoje), e terem se desenvolvido em comunidades de escravos.

Como mostrado, São Tomé e Príncipe é um país multilíngue que, além da língua oficial, o português, possui três línguas crioulas nacionais de base lexical portuguesa, nomeadamente o forro e o angolar em São Tomé e o linguíè no Príncipe. Um quarto crioulo de base lexical portuguesa falado em São Tomé e Príncipe é o kabuverdianu, falado pelos antigos contratados caboverdianos das plantações e os seus descendentes. A génese do kabuverdianu não está relacionada com a origem dos crioulos portugueses no Golfo da Guiné que ainda incluem o fa'ambo, o crioulo falado em Annobón (Guiné Equatorial).

Devido a ausência de população antes da colonização o país tornou-se peculiarmente diferente aos restantes países africanos, pois o seu processo de criouliização começa logo após o primeiro povoamento na década do século XVI, uma vez que não eram habitadas. O resultado provém da consequente e eminente miscigenação linguística e cultural entre portugueses e africanos, em que São Tomé se tornou numa sociedade crioula distinta, passando a possuir a sua própria cultura e língua. Entretanto o fato dos escravos africanos terem vindo de regiões diferentes, com diversas culturas, divergiu com a cultura portuguesa que era relativamente homogênea.

Quanto à sua origem, Hagemeijer (2009), defende que as línguas do Golfo da Guiné tenham surgido de um proto-crioulo falado em São Tomé, que constituía a base para os quatro crioulos nativos de base lexical portuguesa nesta região. No início do século XVI, São Tomé era um entreposto de escravos com uma economia de plantação onde se teria formado um primeiro crioulo de base portuguesa dessa área e este foi, então, transplantado para as ilhas do Príncipe e Ano Bom com o envio de escravos que serviram de mão-de-obra nas fazendas de cana-de-açúcar recém-implantadas. Segundo Hagemeijer (2009), o contato entre falantes do português e falantes das línguas africanas inicialmente deu origem a um pidgin na ilha de São Tomé, que rapidamente se teria nativizado entre os descendentes da primeira geração de escravos.²⁰ (ARAÚJO, 2012).

São Tomé e Príncipe é uma sociedade crioula, na qual predominam valores de culturas africanas, em coexistência com valores de outras culturas, nomeadamente a portuguesa. O tecido social de São Tomé e Príncipe é caracterizado por uma grande heterogeneidade resultante do modelo de formação social, do sistema de povoamento e de fundação da cidade capital, mas, sobretudo devido ao sistema económico

²⁰ Vanessa Pinheiro Araújo, Um dicionário Principense- Português, 2012, pg.7.

introduzido pelos portugueses, baseado no desenvolvimento de culturas de exportação efetuadas em grandes áreas e que careciam de uma grande quantidade de mão-de-obra de que não dispunham as ilhas e que era necessário importar(Censo, 2012).

Com base nos dados do Censo de 2012 de São Tomé e Príncipe, o número total de falantes de cada um dos quatro crioulos e do português, de uma população de 173,015 residentes no país, corresponde da seguinte forma:

Tabela 2 : Percentagem dos falantes de cada crioulo.

| Português | Forro | Angolar | Lungié | Kabuverdianu |
|-----------|-------|---------|--------|--------------|
| 90,4% | 36,2% | 6,6% | 1% | 8,5% |

Em São Tomé e Príncipe, embora seja um país multilíngue, não se observa diretamente na população essas características, talvez exista uma diglossia, pois o País está dividido em pequenas ilhas e, para cada língua crioula falada, existe um grupo étnico específico. São raros os casos de achar um grupo que saiba falar os quatro crioulos, a maioria apenas fala um dos crioulos, juntamente com o português. Essas línguas crioulas são delimitadas pelo governo tanto no que diz respeito a educação escolar como pela população que é instruída, com objectivo a excluir essas línguas crioulas das suas falas, para uma elevação suprema do português.

Em detrimento disso, surge a questão principal que já vem desde a era colonial, ou seja o estereótipo construído em relação aos crioulos. Para esse não contacto com a língua crioula nacional, os santomense passaram a tomar para si o Português como L1²¹, em função do status na fase de colonização, atribuição que se baseia, simplesmente, na caracterização do auto prestígio do Português, considerado como a boa Língua, usada pelas classes altas e medias no País. Logo quem falasse crioulo era visto como analfabeto.

2.2 FORMAÇÃO DO PIDGIN

O pidgin forma-se inicialmente através do jargão, entendido como o uso de frases elementares, tendo como exemplo, os primeiros contatos dos negros escravizados com os

²¹ L1 Primeira Língua.

europeus ou comerciantes locais da costa africana ocidental, que utilizavam palavras soltas para o inter-entendimento. Ao mesmo tempo torna-se o mecanismo principal para a formação da língua crioula, seja ela qual for. Contudo, é relevante salientar que nem todo o pidgin se desenvolve necessariamente para o crioulo.

Couto (1996) explica que o pidgin surge do contato entre povos cujas línguas são mutuamente ininteligíveis, como por exemplo entre escravos de origens diferentes numa plantação. Usa tanto o pensamento de Bickerton como o de Robert A. Hall para embasar sua explanação, em que ambos concordam que o pidgin não é língua materna de ninguém, e só é usado como uma língua de contato. Logo ele se torna apenas um elo das diversas comunidades portadoras de línguas diferentes.

Quando o pidgin é adquirido como língua nativa este processo chama-se *nativização*. Pois, para alguns linguistas mais importante que a nativização é uma *comunitarização*. Este termo significa que a língua se transforma na língua principal da comunidade inteira. E para se tornar uma língua principal, tem de atender a todas as necessidades dos seus usuários (Prestic, 2010, pág.13). Caso isso não aconteça ela irá se extinguir com tempo. Efetivamente uma língua crioula ou pidgin surgiu devido à necessidade de comunicação na realização dos negócios, e transformou-se no meio de interação, sobrevivência e de comunicação entre os escravos e o colonizador, pode ser considerado como um protocrioulo. Após a sua nativização ele se transforma em crioulo, que pode se definir como uma língua, que nasce do contacto de várias línguas diferentes, que se diferencia do pidgin justamente por ter falantes nativos.

É de salientar que já existiam os pidgins e os crioulos, antes da expansão marítima dos europeus no século XV em busca de terras promissas . Porém, os mesmos não tinham grandes números de falantes e muito menos eram conhecidos ou expandidos. Segundo Couto (1996, 120), o primeiro pidgin/crioulo de que se tem conhecimento data, trata-se de uma língua que teria surgido do contacto de diversas línguas hamito-semíticas no vale do Nilo, no Egito antigo, a partir da expansão dos europeus (português, e depois do inglês e francês) e o ambiente estabelecido pela escravidão, sobretudo nas plantações e ilhas.

2.3 FORMAÇÃO DO CRIOULO

A etimologia da palavra crioulo é portuguesa ou hispânica. Formou-se da palavra criar e o seu significado primitivo era o animal não comprado, mas nascido em casa do dono, que o

cria. Mais tarde, no séc. XVI, a palavra começou a denominar os escravos nascidos na colónia, não trazidos da África (PRISTIC, 2010, pág.11).

De acordo com Pristic (2010), a história da formação da maioria de crioulos é ligada à escravidão nas colónias nas Américas. Os escravos trazidos da África eram divididos pelos seus donos a fim de que não se juntassem com os outros da mesma tribo e para evitar uma possível revolta ou conspiração. A única língua que os escravos e os donos tinham em comum era uma variante idiginizada da língua europeia dos seus donos, não tendo muitas possibilidades de falar com outros escravos. Scotton (2002, p.271 apud. Couto 1996) define a língua crioula como “aquelas que surgiram do contato entre falantes de variedades colônias de línguas europeias e falantes de línguas não europeias” entretanto Arends (1994, p. X, apud. Couto 1996) afirma que línguas crioulas são “línguas naturais que podem ser caracterizadas ou agrupadas segundo critérios extralinguísticos que dizem respeito aos aspectos sócio históricos de sua formação”.

No caso de São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Suriname, Haiti e outras ilhas das Caraíbas, o pidgin se transformou em crioulo e passa a caracterizar a nova construção das identidades dos respectivos povos os locais tornando-se, assim, suas línguas maternas.

Para contrapor as ideias dos autores apresentados, Marcos Bagno (2013), defende que o termo Crioulização deveria ser aplicado a todas as línguas do mundo, pois não existem línguas que não tiveram contatos com outras em sua formação. Ou seja, não existem línguas puras. Na verdade, o autor está fazendo uma crítica à visão eurocêntrica de se chamar uma língua de crioula, pois esse nome, como afirmou Scotton, é aplicado apenas a línguas não-europeias que tiveram contato com as línguas europeias. Supõe-se que as línguas europeias são puras, melhores, singulares e base para a formação de várias outras línguas.

Como vimos, há uma complexidade com relação ao que vários autores entendem sobre o processo de Crioulização.

2.4 LÍNGUA E IDENTIDADE EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Atualmente, a primeira língua aprendida pela maioria das crianças em São Tomé e Príncipe é somente o português. Elas não são mais instruídas pelos pais na aprendizagem dos crioulos nativos como primeira língua. A reflexão aqui visa ir ao sentido de se pensar sobre a

colonização e no que ela significou em termos identitários e linguísticos para o povo de São Tomé e Príncipe.

Em São Tomé e Príncipe, a partir da introdução do português como língua oficial do País no pós independência, foi institucionalizado com o intuito de evitar um conflito entre as três línguas crioulas faladas no país, entretanto com decorrer dos anos, todas as línguas crioulas nativas foram ignoradas.

A identidade pode ser entendida, como sistema que resolve os diferendos que se manifestam numa situação de diferenças conviventes, sendo, portanto, o princípio de identidade uma modalidade do princípio de complementaridade e derivando fundamentalmente dele. (MATA 2009, pg. 18).

Pode-se entender também como conjunto de construções sociais, políticas e culturais que regem um indivíduo dentro da sociedade a qual esta inserida.

Segundo Teles (2003), quando uma variedade de língua é eleita variedade padrão, ela ganha alta condição social (status) e passa a ser instrumento de dominação sobre as demais variedades que passam a ser consideradas inferiores, devido a uma visão preconceituosa, perpetuada de alguma maneira por meio das regras impostas pela gramática da língua escrita, que legitima a norma padrão²² como única. De acordo com a alta sociedade, para que um cidadão seja letrado e bem visto ou apto a ocupar lugares como a academia, empregos em cargos públicos, entre outros, e ser considerado capaz de cumprir suas ações perante a mesma, ele deve ter o domínio sobre a língua padrão.

A diferença entre os dois arquipélagos, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, é que, os cabo-verdianos se consideram uma sociedade crioula por terem tido um contacto direto com o branco na fase do povoamento dado o número elevado de mestiços nas ilhas como fruto da colonização portuguesa, o que não se observa tanto nos santomenses se reconhecem apenas como africanos e não como “crioulos”. Em Cabo Verde, o crioulo é relativamente homogêneo e em São Tomé e Príncipe existe uma maior complexidade entre os crioulos, embora todos tenham surgidos de um proto-crioulo, cada crioulo foi se diversificando.

Observa-se que o crioulo falado em Cabo Verde tem um maior número de falantes em relação ao português e muito mais ainda em comparação com os crioulos nativos falados em São Tomé e Príncipe. Em Cabo Verde, o crioulo é muito valorizado e sempre foi usado com prestígio, servindo como um fator identitário para os cabo-verdianos, diferente de São Tomé e

²² Norma padrão é o nome que se dá as variedade de língua oficial, e ensinadas nas escolas.

Príncipe, onde muitos foram abandonando essas línguas crioulas, o que contribuiu para o seu declínio, através da perda de falantes e a desvalorização da sociedade e do governo santomense. Em São Tomé e Príncipe, a língua crioula nunca desempenhou o papel de reforço para identidade nacional. De igual modo, para as crianças era proibido falar qualquer língua crioula dentro do espaço escolar e por consequente passaram a ser proibidas em casa, de forma que não houvesse atrito entre o português e os crioulos. Isso levou a certa desvalorização bem antes da independência, em que os santomenses que falavam crioulo, eram marginalizados pelo uso dos crioulos em detrimento do português, sobretudo aqueles que moravam nas roças e nas cidades, levando-os a abandonarem suas línguas crioulas e a prática do português, em busca de melhorias sócias e econômicas, e melhor aceitação na sociedade.

Devido à ausência de contatos entre os serviçais e a população crioula, os angolanos e moçambicanos que estavam na roça não aprenderam de facto o crioulo forro, pois nas roças eram orientados a falar somente português, enquanto os cabo-verdianos que, ao contrário dos outros africanos, constituíram uma comunidade homogênea conseguiram manter a sua língua crioula.

Teles diz que é possível que a educação linguística de cada indivíduo começa logo no início de sua vida, quando em interação com a família adquire a língua materna. Logo sua primeira língua irá definir toda a sua vida naquela determinada sociedade. Em São Tomé e Príncipe cuja língua principal de comunicação é o português, o indivíduo que apenas fale alguma das línguas crioulas nativas, não será bem visto diante dos critérios impostos pela sociedade dominante, pois as línguas crioulas são quase totalmente excluídas.

A hierarquia social instalada num país perpassa pelos critérios econômicos, sociais e políticos, que regem a sociedade de acordo com os vários interesses globais, em todas as sociedades. Tendo a língua como principal instrumento de comunicação e identidade, estabelece quem está no topo e quem está na base da pirâmide (o sistema de classes). A língua não é apenas um instrumento de comunicação, ela através da educação possibilita ao indivíduo, usufruir e melhorar as suas capacidades. Porém ela também é usada para a opressão e o controle sobre a população, que não tiver acesso. Quem tem o domínio sobre ela, acaba sempre por sendo opressor e superior a aquele que não tiver ou souber falar a mesma.

Dominar a língua falada pelas classes mais favorecidas pode favorecer o acesso a níveis superiores de ensino e a melhores condições de trabalho, além de poder exercer com plenitude

seus direitos de cidadão ao ter acesso aos textos impressos disponível para a leitura; jornais, revistas, livros, periódicos etc. (TELES, 2003).

Nas ilhas de São Tomé e Príncipe, podemos observar que essa questão de identidade e língua, não caminham sempre juntas e, como em todo lugar, não é igual para todos e nem está acessível a todos por questões financeiras, políticas e públicas. Quem está na cidade tem um acesso aprimorado à educação escolar e um melhor contato com a língua padrão do que aqueles que moram nas zonas rurais, e em outros distritos, que podem ter como a primeira língua, a língua padrão, mas não tem acesso à escolaridade secundária. Existem apenas vários modos de falar uma mesma língua, e isso depende de pessoa para pessoa. A sociedade emprega em nós um preconceito linguístico, com as regras e bons modos de fala.

Segundo Ilari toda a língua historicamente dada, a qualquer momento de sua história, está a procura de meios para expressar experiências que assumiram uma importância nova para o grupo social que a fala mas, a todo o momento de sua história, a língua é também o registro de um trabalho enorme já feito para descrever os mundos em que vivemos. Assumir-se como falante de uma língua significa reconhecer-se como participante desse trabalho coletivo que está sempre em andamento, mas também saber que já existe à nossa disposição um enorme saldo histórico de aquisições.

Podemos assim entender, que precisa-se abrir as portas para que todas as línguas possam ser faladas e instrumentalizadas, uma vez que cada uma delas fazem parte de um processo histórico que marcou e marca muito a formação da sociedade santomense e não só.

3 AS LÍNGUAS CRIOLAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Ao tratarmos das línguas crioulas faladas em São Tomé e Príncipe, nos deparamos com uma série de complicações devido ao processo histórico mostrado no Capítulo 1. A maior complexidade é a diminuição gradativa do número de falantes dessas línguas o que poderá, em poucos anos, acarretar o desaparecimento delas.

De acordo com Hagemejer o protocrioulo do Golfo da Guiné é uma língua que resulta predominantemente do contato entre o Português e o Edo (ou línguas do grupo alargado do Edóide). Ao que tudo indica, o papel do Kikongo e do Kimbundu é posterior, tendo afetado,

sobretudo o léxico e a fonologia, mas, também, em muito menor grau, a estrutura do proto-crioulo do Golfo da Guiné. A percentagem do léxico de origem portuguesa de cada um dos três crioulos consta-se no quadro a seguir:

Tabela 3: Percentagem do Léxico de origem Portuguesa nos crioulos falados em S.T.P

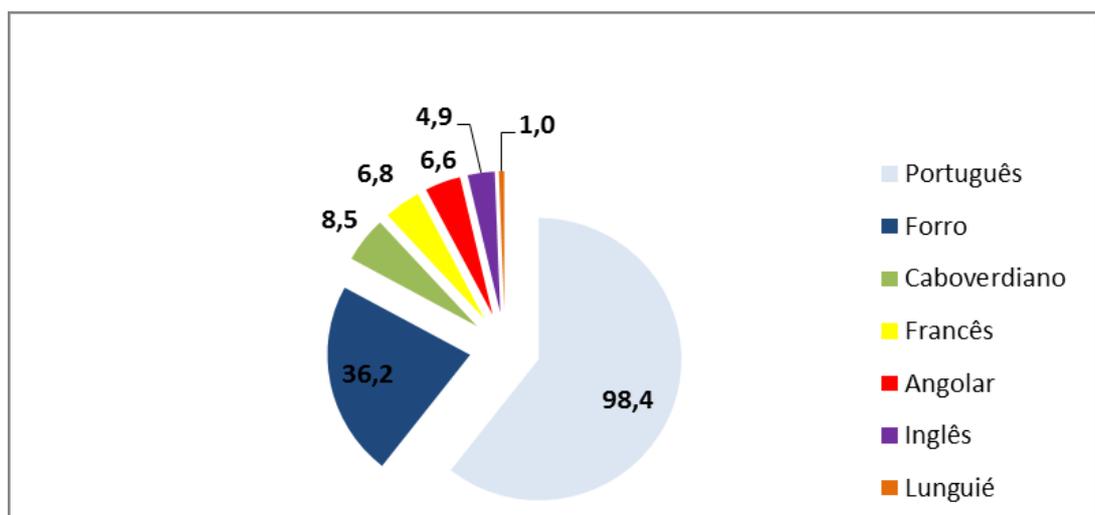
| Santomé | Lung'ié | Angolar |
|---------|---------|---------|
| 93% | 93% | 82% |

Fonte: Tjerk Hagemeijer (2009, pg.7)

Devido ao processo histórico de povoamento das ilhas e do processo de colonização num ambiente relativamente fechado, a língua do colonizador adquiriu, nesse contexto, um valor sociocultural particular. Efetivamente, o português é, além da língua oficial de trabalho, e, portanto, utilizada nos documentos oficiais, a língua de comunicação mais utilizada e considerada por grande parte da população como língua materna.

Como podemos ver no gráfico assim, estas são as percentagens do número de cada falantes das línguas faladas em São Tomé e Príncipe.

Gráfico 1 : Distribuição (%) da população de 1 ano ou mais por línguas faladas.



Fonte: Censo 2012.

A música em São Tomé e Príncipe, assim como a dança e o teatro, são manifestações culturais frequentes, como produtos da partilha cultural entre os povos europeus e africanos reunidos em São Tomé e Príncipe. A utilização dessas línguas crioulas na música é justamente feita por aquele percentual de população que tem realmente esses crioulos como a língua materna e faz o seu uso no dia-a-dia.

A música em São Tomé e Príncipe, como indústria musical, carece de muitos avanços e melhorias, entretanto o uso dos crioulos em sua composição pode-se relacionar com o fato de que maiorias dos compositores são adultos numa faixa etária de 30-60 anos, que ao longo de sua vida, não tiveram um maior acesso regular ao ensino escolar para dominar o acesso ao meio urbano, onde se verifica um maior número de falantes. Tem-se como grandes nomes da musicalidade no País, o falecido Camilo Domingos, com também João Seria, Kalú Mendes, Ângelo Mendes, Filipe Santos Felipe canta Rumba, Felício Mendes, Chico Paraíso canta estilo tradicional do Príncipe, os Grupos Untuês, África Negra e Sangazuza, e mais recente grupo de dois Irmãos Calema, que divulgam em suas músicas o crioulo forro e angolar, sendo descendentes e naturais do distrito de Caué.

Podemos considerar esses artistas como os grandes precursores da divulgação das línguas crioulas, uma vez que esses grupos de pessoas são de faixa etária adulta e idosa que tiveram de facto a língua crioula como L1, em função do Português.

3.1 SANTOMÉ OU FORRO

Santomé ou Forró é o crioulo que possui maior número de falantes. Entre os demais, atingindo o total de 36.2% (62.707 pessoas) conforme o Censo 2012. Constata-se que o forro é mais utilizado pelas faixas etárias mais velhas, ao passo que os jovens o utilizam cada vez menos. O forro é distanciado do português tendo 7% do seu léxico da sua origem em línguas africanas, especificamente línguas do edo do Reino do Benim (37%), do banto, quicongo e ambundo com (63%) representando assim o léxico africano.

Este é numericamente o mais importante de todos, uma vez que fora a primeira língua crioula a ser desenvolvida nas ilhas, estabelecendo o primeiro contato entre os novos e velhos escravos e, depois daí, se ramificando e desenvolvendo os demais. No século XIX, os forros tornaram-se um grupo intermediário que se beneficiou do estatuto de africanos livres, como

afirma Seibert (1999). O protocrioulo forró caracteriza-se pela sua origem através do léxico português, levando ao surgimento de outros crioulos. Antigamente e ainda hoje é denominado de duas formas o Santomé ou de forro (termo proveniente de “carta de alforria”). É plausível que esta comunidade de forros, escravos que recebiam a carta de alforria no início do século XVI, com uma identidade própria, tenha estado na origem e consolidação da nova língua que se falava na ilha. (HAGEMEIJER, 2009).

Segundo Lorenzino, (1996), a sua identidade como grupo consolidou-se durante o interregno dos séculos XVII-XVIII, quando Portugal mudou os seus interesses coloniais para o jovem Brasil. Foi assim que STP (São Tomé e Príncipe) ficou durante muito tempo fora dos interesses de Portugal, o que favoreceu a ascensão e consolidação dos mestiços ou filhos da terra como novo referente social. Neste período, catalisou-se também a nativização do São Tomé crioulo e o seu uso como língua franca para a comunicação de escravos entre si. A partir daí, vai se consolidar criação desse grupo de falantes nas ilhas, se estruturando através dessa nova língua crioula surgida entre os mesmos e que vem se arrastando até o nosso cotidiano denominando-se como o crioulo Forro. É de longe, o principal crioulo da sociedade santomense em geral.

Forro é o crioulo com o maior número de falantes; além disso, a sua continuidade histórica e a predominância, em parte atingida através dos filhos da terra e círculos intelectuais (Stock ler, Bragança, Espírito Santo), que se dedicaram, embora esporadicamente, a escrever na "língua da terra". Tudo isso fez com que seja atualmente a língua de intercomunicação para todos os grupos. O uso de ST nos meios de comunicação limitam-se a breves informativos no rádio, enquanto o português, sendo reconhecido como a língua oficial, estende-se à televisão, rádio e jornais. (Lorenzino, 1996).

“Kwa ji mundu as mò ji nwa, kada já e te fegula d-e.”.²³

3.2 ANGOLAR

Angolares é a denominação dada à comunidade de descendentes de escravos fugidos das antigas plantações de açúcar nos séculos XVI e XVII, que muitas vezes já tinham algum conhecimento do crioulo falado em São Tomé. Segundo o Censo 2012, o angolár tem 11.377

²³ As coisas do mundo são como as da lua, cada dia tem sua figura.

falantes (6.6%). O Angolar é mais marcadamente Bantu, em especial devido à componente lexical de origem Kimbundu, que não se encontra no Santomé²⁴.

Segundo um mito colonial, os angolares teriam sido descendentes de um naufrágio ocorrido nos meados do século XVI. Conforme este mito, os angolares teriam saído do mato pela primeira vez em 1574, trinta anos após o alegado naufrágio. (SEIBERT, 1998). Contudo, a hipótese que tem conquistado cada vez mais adeptos (e.g. Caldeira 2004; Lorenzino 1998, Seibert 2007), e se tornou consensual, é a de que os Angolares são a descendência de escravos fugidos das roças, um fenómeno que está documentado desde o início do povoamento e que se intensificou no século XVI com a introdução do duro sistema de plantação. (HAGEMEIJER, 2009.)

De acordo com fontes históricas da época colonial, reza a lenda sobre o naufrágio, descobertos pelos assaltos feitos e os incêndios provocados nas plantações de engenhos de açúcar na cidade, como também a efetuação de sequestros das mulheres escravas no nordeste da ilha. Em 1693, os portugueses conseguem derrotaram esse grupo de angolares e os que foram capturados metade foi escravizada e a outra foi deixada no local (SEIBERT, 1999). Devido ao isolamento desta comunidade durante quase dois séculos no sul de São Tomé, este crioulo desenvolveu-se e manteve características próprias. Conforme Couto, os angolares mantiveram-se únicos, diferenciando o seu crioulo dos outros crioulos surgidos nas ilhas, tomando um carácter próprio. Um facto deve ser verdade: na sua génese o angolar se formou do contato dessa comunidade com os falantes de são-tomense.(COUTO, 1996.) Originalmente, o nome dado aos escravos fugidos provém do termo angola ou angolis, usados nas ilhas no século XVII pelo povo de São Tomé para distinguir os escravos vindo de Angola ou do Congo dos escravos minas da Costa da Mina que foram chegando posteriormente.

“ Bo ba mi’ ñõnga, bo ‘pèga um a ‘kikye ‘ngairu. ”²⁵

²⁴ Tjerk Hagemeyer, *As Línguas Crioulas em São Tomé e Príncipe*.

²⁵ Você foi ao mar e pegou um peixe grande. Couto(1996).

3.3 LUNG'IE

A partir de 1995, a ilha do Príncipe se torna uma região autônoma, situado no Golfo da Guiné, onde é falado o Lung'ie e o crioulo kabuverdiano. “O Lung'ie literalmente ‘língua da ilha’”, é também conhecido como Principense, especialmente na literatura científica, e localmente como lingw'le e lungw'le. (AGOSTINHO, 2015).

O lung'ie é falado na região autônoma do Príncipe, por 528 falantes numa população de 7.500 pessoas, maioritariamente de origem cabo-verdiana e cerca de 1,0 nas duas ilhas. A ilha começou a ser povoada por escravos trazidos de São Tomé, o que fez com que a língua se desenvolvesse de forma independente devido ao isolamento geográfico e ao contato com outras línguas de novas levas de escravizados.

A diminuição da população autóctone em detrimento da população de origem cabo-verdiana, a escolarização em português, políticas de desvalorização das línguas nacionais de STP no período colonial e o acesso aos meios de comunicação fizeram com que o português alcançasse um prestígio crescente e o Principense fosse relegado a um papel secundário no tabuleiro linguístico na pequena ilha (ARAUJO, 2012).

O Crioulo autóctone falado na ilha do Príncipe, também oriundo do referido proto-crioulo, sofreu várias alterações, ganhando um novo sentido na sua fonologia. Os falantes do lung'ie mantêm ainda o seu crioulo sem muitas alterações, embora com a diminuição de falantes, já que a maioria se encontra na ilha de São Tomé.

Segundo Hagemeyer, (2009) o Lung'ie é o crioulo do Golfo da Guiné que tem mais léxico de origem Edo e melhor conservou algumas características fonológicas que são exclusivas da área onde o Edo é falado.

De acordo com as projeções linguísticas, o número cada vez menor de falantes, a falta de transmissão da língua às crianças, seu baixo prestígio e o crescente interesse em se falar o português são fatores para diminuição da língua, como podemos ressaltar através de Agostinho (2015), já que é possível observar que a língua não é portanto, transmitida intergeracionalmente, que um dos motivos apontados pelos habitantes do Príncipe e com todos os outros crioulos, é a relutância que os pais apresentavam em transmitir a língua, pois pensavam que o aprendizado do Lung'ie atrapalharia o aprendizado do português, a língua de maior prestígio que facilita uma ascensão social.

De acordo com o depoimento dos habitantes podemos reafirmar que as línguas crioulas, nunca foram posicionadas para ser nem primeira e nem a segunda língua, foram projetadas a exclusão de fato, foram às vezes proibidas. Somente os pais e avôs podiam falar as línguas crioulas, mas as crianças eram reprimidas ao uso do Lung'ie.

“ òmi vè na kaxi, magi e sebé ufundu sé fa²⁶.”

3.4 KABOVERDIANU

O kabuverdianu é oriundo das ilhas de Cabo Verde um arquipélago formadas por dez ilhas, divididas entre o grupo Barlavento (norte) e Sotavento (sul). O crioulo de Cabo Verde, em especial, teve uma forte implantação em São Tomé e Príncipe e é hoje falado um pouco por todo o arquipélago, sendo a língua dominante em diversas roças e na ilha do Príncipe. (Hagemeijer 2009).

Foi introduzido em São Tomé e Príncipe em 1903 com os trabalhadores contratados vindos de Cabo Verde, Hagemeijer (2009), diz ter sido o que contribuiu ainda mais para o plurilinguíssimo dessa sociedade. Estes falantes do Kabuverdiano foram levados ao Príncipe devido à escassez de mão-de-obra local, relacionada a uma epidemia de doença de sono na ilha durante o início do século XX (Maurer 2009:3). (AGOSTINHO 2015). Existem determinando números de falantes do crioulo Kabuverdiano, nas duas ilhas, porém é o crioulo maioritário na ilha do Príncipe Segundo Araújo (2012), os falantes do cabo-verdiano vivem ainda hoje marginalizados, em situação de extrema pobreza no interior das antigas roças.

O Kabuverdiano é falado por quase 15 mil de pessoas, tem cerca de 14.654 falantes (8,5%), residentes, sobretudo, nas cidades e nas roças ou em propriedades rurais isoladas. Hagemeijer (2009) diz que os contratados cabo-verdianos tiveram melhores condições para preservar a sua língua materna porque esta era relativamente homogénea, se tivermos em conta, por exemplo, a diversidade de línguas dos contratados de Angola ou Moçambique. Além disso, os contratados cabo-verdianos vinham mais frequentemente em família, e houve muito mais casos de repatriamento de serviços angolanos e moçambicanos. Por isso se tem a língua cabo-

²⁶ (um homem amarra mil homens). Couto (1996).

verdiana introduzida na ilha do Príncipe e por consequente com um número considerável de falantes.

Torna-se um fator preocupante pela possibilidade de haver uma perda de identidade linguística que caracteriza essa sociedade (referindo aos quatro crioulos), tendo em conta aspectos sociolinguísticos que foram se criando ao longo da primeira era colonial marcada pela escravidão e as plantações de açúcar em que os escravos tiveram que abandonar suas línguas identitárias para a formação de uma nova língua identitária em comum única, que por consequente são essas línguas faladas hoje nessas sociedades crioulas e africanas.

Desse povo vindo de várias partes do Continente Africano, foi tirada a liberdade, pelos colonos portugueses, sendo obrigado a aceitar, a assimilar e a usar uma língua que não era a sua, mas que lhe permitia, com diferentes adaptações, o contato e a sobrevivência em uma sociedade que vivia sobre imposições desumanas. O domínio de classes não sufocou apenas o direito de cada povo usar a sua língua, mas toda e qualquer manifestação identitária. As línguas nativas não deixaram de existir, mas passaram ser usadas raramente e em locais restritos, por medo de exclusão social.

Nha Terra, Nha Kretcheu.²⁷

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Tomé e Príncipe, como qualquer outra sociedade crioula, ou que tenha passado pelo processo de povoamento e da miscigenação, teve no processo da sua formação o contato direto entre povos com diversas culturas. Entretanto, a sua criouliização se desenvolveu mais rápido, uma vez que as ilhas não eram habitadas, pois não tinham idioma próprio anterior ao povoamento no século XVI. Entretanto torna-se uma situação complexa, pois não se tem como mudar o passado, porém pode-se melhorar o presente e futuro dessas línguas. Uma vez que já fora explicado a conjuntura sociolinguística dessas línguas e o seu processo de declínio no país, entramos de facto dentro da problemática do trabalho que seria analisar algumas questões explícitas e despertar interesse sobre o assunto sendo que esses crioulos são partes históricas e culturais do povo santomense. Posto isso, se deve pensar em formas de valorização e

²⁷ Minha Terra, Meu Coração.

manutenção dessas línguas, para evitar que se perca um dos aspectos culturais mais importantes de um povo, marcado pela sua história de lutas e conquistas pela liberdade e a busca dos seus direitos.

O Português foi sempre considerado como a boa língua, a língua que era falada por aqueles que “tinham estudos”. Ao contrário de Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe falar crioulo era sinónimo de analfabetismo, de pouca cultura. Quem falava crioulo eram os habitantes das luchans e as palaiês, e nem mesmo após a independência política do país em 1975 o crioulo adquiriu o estatuto que é devido a qualquer língua materna de qualquer povo, sendo abandonadas até agora pelos mesmos. As línguas crioulas faladas em S. Tomé e Príncipe não gozam do estatuto de língua oficial e são excluídas do sistema educativo. O acesso generalizado ao ensino em português e aos meios de comunicação na língua oficial, bem como a ausência de políticas linguísticas orientadas para as línguas crioulas são fatores que desfavorecem as línguas minoritárias das ilhas.

Como podemos ver, o crioulo cabo-verdiano, goza um prestígio em seu país, principalmente após a independência, quando se reforça essa valorização da língua materna, usufruindo o facto de estar no estatuto nacional como língua e em processo de criação como proposta para se torna a língua oficial do País. O que claramente não acontece em São Tomé e Príncipe, onde o Português é que ocupa esse lugar de prestígio, sendo o portão de acesso na escolarização e na economia. O que se percebe é que o crescente uso do português, já passou de língua segunda à língua primeira durante o decorrer das gerações, sendo falados hoje onde antes apenas os crioulos tinham espaço, ocupando de facto toda a ilha.

Atualmente, com o avanço por ações privadas, existem grupos de teatros, que trabalham o crioulo forro num programa social, que é transmitido pela TV local, e a Rádio Nacional, onde o objetivo é justamente fortalecer e chamar a atenção do público alvo para pratica de fala de sua língua nacional (porém ainda é somente em crioulo forro). Dialogam durante o programa sobre assuntos locais usando crioulo forro, como forma de mostrar a sua importância dentro da sociedade santomense, porém, ainda não é o suficiente, embora essa minoria já começa a trazer essa questão a bordo. Ainda assim não se tem um ganho positivo, pois ainda não se tem a participação total da maioria da população que são os jovens.

Contudo deveria haver uma maior participação do Estado e de outras instituições voltadas ao ensino, para interação dessas línguas crioulas, desenvolvendo meios de ampliação das mesmas através de criação de projetos socioculturais, através do teatro, música e cinema,

que são principais órgãos de comunicação com maior capacidade de divulgação entre a população, nomeando a participação e a conscientização da mesma sobre o assunto.

Com a criação dessas políticas públicas para o resgate dessas línguas crioulas, podia-se começar com a ideia de introdução das mesmas nas grades curriculares nas escolas (ensino pré-escolar até ao ensino médio), a criação de projetos sociais entre as comunidades onde se tem um maior número de falantes, aumentando a integração das línguas e o seu desenvolvimento. Assim como investimentos públicos em formação de professores ou mesmo dos falantes dessas línguas para efetivar o ensino nas escolas, a criação e melhoramento dos instrumentos linguísticos (gramática, dicionário, livros didáticos etc.), desenvolver mais programas televisivos e nas rádios, com uma maior participação da população.

É preciso que o estado valorize a sua própria cultura e a sua língua, São Tomé e Príncipe, precisa refortalecer a sua identidade crioula, começando justamente pelo resgate de suas línguas crioulas e suas práticas culturais que também vão se desaparecendo com o tempo. Diante da grande diversidade linguística em São Tomé e Príncipe, é preciso que haja união e um equilíbrio entres as línguas faladas, de forma a se ter um enriquecimento para um avanço positivo em relação às mesmas.

Entretanto, outra questão a ser desconstruída sobre a língua em S. Tomé e Príncipe é que desde pós-independência foi sempre mais prestigiante falar português do que falar crioulo, uma vez que o falar santomense quotidiano, apresentar-se totalmente diversificado em sua estrutura oral e com a globalização, percebe-se cada vez que a língua vai sofrendo mudanças. É preciso que essas línguas crioulas acompanhem o avanço da modernidade e se prevaleçam independentes dos contextos sociais. Precisamos ir à busca da devida apropriação do que é nosso, mudando estrategicamente a realidade, a qual é submetida, e prosseguir em frente para o desenvolvimento do nosso próprio território. Precisa-se pensar no coletivo ao nível nacional.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos. Fonologia e método pedagógico do Lung'ie. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2015.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes de. Relações entre fonologias das línguas crioulas de STP e a ortografia “ALUSTP”. Línguas Crioulas de Base Portuguesa na África, São Paulo, 2010.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes; Agostinho, Ana Livia dos Santos. Padronização das Línguas Nacionais de São Tomé e Príncipe. USP/CNPq/ FAPESP. São Paulo, 2010.
- ARAÚJO, Vanessa Pinheiro de. Um dicionário Principense-Português. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012.
- BAGNO, Marcos. Do Galego ao Brasileiro, Passando pelo Português: Crioulização e Ideologias Linguísticas. Capítulo 12. Ano?
- BARRETO, Marcus Vinicius Knupp. Contribuições da língua portuguesa e das línguas africanas quicongos e bini na constituição do crioulo são-tomense. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2008
- CANIATO, Benilde Justo. “Língua Portuguesa e Línguas Crioulas nos Países Africanos”. Edição: Universidade de São Paulo. Via Atlântica, nº 5 out.2002. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/49726/53838> >. Acessado em: 15 de Janeiro de 2016.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. As Influências Africanas no Português Brasileiro. Ano? CENSO DE 2012, Instituto Nacional de Estatística da Republica Democrática de São Tomé e Príncipe. Disponível em: < <http://www.ine.st/2012.html> >. Acessado em: 15 de Janeiro de 2016.
- CIA. The World FactBook. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2103.html>>. Acesso em: 5 abr. 2016.
- COUTO, Hildo Honório do. Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins. Fundação Universidade de Brasília, 1996.
- FMI. World Economic Outlook. Washington: FMI, 2014. Disponível em: <<http://www.ifm.org/external/>>. Acesso em: 5 abr. 2016.16.
- GUY, Gregory R. A Identidade Lingüística da Comunidade de fala: Paralelismo Interdialetal nos padrões de Variação Lingüística. Ano?
- HAGEMEIJER, Tjerk Hagemeijer. As Línguas de S. Tomé e Príncipe. Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, n. 1, v. 1, 2009, p. 1-27.
- HAGEMEIJER, Tjker. As Línguas de São Tomé e Príncipe. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 2008, pág. 27.
- ILARI ,Rodolfo. Reflexões sobre língua e identidade. DL- IEL-Unicamp. Anais do 6º Encontro Celsul- Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. Ano?

LORENZINO, Gerardo Augusto. Uma avaliação sociolinguística sobre São Tomé e Príncipe. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística e Edições Colibri, vol. II, 1996. Disponível em: < http://www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/LORENZINO_G_avaliacao_socio-linguistica_sobre_Sao_Tome_e_Principe.pdf > Acessado em 15 de Janeiro de 2016.

MATA, Inocência. São Tomé e Príncipe: Uma Babel Arquipelágica? Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Centro de Estudos Comparatistas. **In:** Latitudes – Cahiers Lusophones (Paris). **Dossier spécial: São Tomé e Príncipe: culture et société.** N°36 – oct./déc. 2009 (p.3-11).

MCCLEARY, Leland. Sociolinguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

NETO, Sergio. São Tomé e Príncipe n’O Mundo Português. Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica (2012), 207-216. Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), Universidade de Coimbra, Portugal.

ONU. PNUD. Human Development Report. New York: ONU, 2015. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PRISTIC, Ladislav. Kristang- Crioulo de Base Portuguesa. MASARYKOVA UNIVERZITA FILOZOFICKÁ FAKULTA, 2010.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Evolução da população de STP - 1970 a 2012 (censos e projecções). Disponível em: <<http://www.ine.st/Documentacao/InformacoesEstatisticas/Demograficas/22.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

SEIBERT, Gerhard. Crioulização Em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. Afro-Ásia, no 49 Salvador , 2014. Disponível em < <http://ref.scielo.org/npspvc> >. Acessado em: 15 de Janeiro de 2016.

SEIBERT, Gerhard. A Questão da Origem dos Angolares de São Tomé. Lisboa, 1998, Brief Papers n°5/98. Disponível em: < http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Brief_98_5.PDF >. Acessado em: 15 de Janeiro de 2015.

SEIBERT, Gerhard. Camaradas, Clientes e Compadres. Colonialismo, Socialismo e Democratização em São Tomé e Príncipe. 2ª Edição revista e atualizada, 2002.

TELES, Tercia Ataíde França. Linguagem e identidade social – uma abordagem sociolinguística. 2003. Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal.

TINY Abigail; AMARO Haldane; HENDRICKX Iri; HAGEMEIJER, Tjerk. O Forro: A Construção de um Corpus. Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, dia crónica e sincrónica Centro de Linguística (CLUL). Universidade de Lisboa. (2012)